

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# UMA LIXEIRA NAS CASAS NOBRES DO INFANTADO

Tânia Manuel Casimiro<sup>1</sup>, António Valongo<sup>2</sup>

## RESUMO

Escavações arqueológicas na Rua do Arsenal, num conjunto de edifícios junto à frente ribeirinha e defronte ao Largo do Corpo Santo, puseram a descoberto diversos contextos possíveis de datar entre os séculos XVI e XVIII, alguns deles relacionados com as *Casas Nobres do Infantado*, presumivelmente a residência do futuro D. Pedro II. Entre aqueles destaca-se pequeno depósito detritico (UE 543), associado ao compartimento 4 do edifício ali identificado, no interior do qual foram recuperados diversos materiais cerâmicos, com elevado estado de preservação. O presente trabalho pretende discutir as razões para a formação daquele depósito propondo cronologias e a funcionalidade dos objectos ali identificados.

**Palavras-chave:** Cerâmica comum, Faiança, Século XVII, Consumo doméstico.

## ABSTRACT

Archaeological excavations in Rua do Arsenal, in the Tagus River water front and close to Largo do Corpo Santo uncovered several contexts from Early Modern Age and possible to date from the 16<sup>th</sup> to 18<sup>th</sup> century. Some of those contexts were related to the *Casas Nobres do Infantado*, presumably the home of Prince Pedro, future king Pedro II. Among those contexts there is a little cesspit [543], located in compartment 4. Inside this hole there were many material culture elements, mainly pottery, with a high conservation level. This paper aims to discuss the formation of that deposit as well as the use of those objects.

**Keywords:** Coarsewares, Tin glazed wares, 17<sup>th</sup> century, Domestic consumption.

## 1 – INTRODUÇÃO

Em 2015 uma intervenção arqueológica de grandes dimensões no edificado compreendido entre os números 136 e 148 da Rua do Arsenal em Lisboa, trouxe à luz do dia, entre diversos achados medievais e modernos, nomeadamente parte da Cerca Fernandina (Valongo, este volume), diversos contextos domésticos de época moderna associados às ditas *Casas Nobres do Infantado*, possível habitação do Infante D. Pedro e futuro D. Pedro II. Entre aqueles, nos quais se distinguem um poço de grandes dimensões ou uma barrica em madeira, ambos utilizados como lixeiras e cuja publicação se encontra a ser preparada, apresentamos pequena fossa, utilizada como zona de despejos, no interior da qual, foram recuperados os materiais aqui apresentados.

Curiosamente, a UE 543, ofereceu apenas material

cerâmico, algo que não se registou nos demais contextos onde diversos metais, vidros e mesmo objectos em couro e madeira foram recuperados.

O estudo e publicação de cerâmicas de cariz doméstico produzidas durante época moderna é uma actividade frequente. Muitas colecções foram até hoje abordadas de norte a sul do país, nomeadamente na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998), no Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra (Silva, 2015), em diversas zonas de Lisboa, nomeadamente na Rua dos Correeiros (Coelho e Bugalhão, 2015), Carnide (Casimiro, Boavida e Detry, 2017), Vale de Alcântara (Batalha e Cardoso, 2013), Encosta de Santana (Casimiro, 2011a) e diversas intervenções na Baixa (Diogo e Trindade, 1995; 1995a; 1995b; Coelho e Bugalhão, 2015), mas igualmente noutras cidades circundantes tais como Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999), ou Vila Franca de Xira (Mendes e

1. IAP / IHC – FCSH UNL. Pós-doc FCT; tmcasimiro@fcs.unl.pt

2. Arqueólogo; antonio.valongo@gmail.com

Pimenta, 2007), entre muitos outros locais. O presente trabalho pretende dar mais um contributo para as cerâmicas que podem ser encontradas em contextos de época moderna, no presente caso finais do século XVII ou inícios da centúria seguinte.

## 2. O CONTEXTO

Este artigo resulta da intervenção arqueológica, no lugar supramencionado, da responsabilidade dum dos seus signatários (A.V.) iniciada em Abril de 2015. Resulta da preparação, implantação e execução de projecto de arquitectura que previa a instalação de uma unidade hoteleira de excelência. Os trabalhos foram custeados pela empresa *Greatcreation SA* e promovidos pela *Veiga de Mago Gestão e Investimento*.

O edificado localiza-se entre os números de polícia 134 e 148 da Rua do Arsenal em Lisboa que coincide com a área de servidão administrativa do Monumento Nacional designado “Castelo de São Jorge e Restos das Cercas de Lisboa”, e ainda por “Lisboa Pombalina” (C.I.P.), pela Portaria nº 740-DV/2012, DR, 2ª série, nº 248 (suplemento) de 24 de Dezembro de 2012.

Os objectivos em concreto da intervenção arqueológica visavam uma actuação preventiva de minimização de impactos devido ao empreendimento em meio urbano; a avaliação de potências estratigráficas resultantes da intervenção; salvaguarda de espólio, estratigrafia e estruturas aí identificados, bem como a apresentação das realidades registadas.

A metodologia da execução da escavação foi caracterizada numa primeira fase por ambientes que correspondiam a áreas separadas pelas sapatas do edificado. A segunda fase respeitou a numeração atribuída aos compartimentos associados às Casas Nobres. Assim, este contexto em particular foi reconhecido no canto Sudoeste do compartimento 4 onde foi identificada pequena bolsa que parece corresponder a fossa detritica com cerca de 1,20 m de diâmetro e 0,60 m de profundidade (Figura 1). O sedimento apresentava uma cor escura, indicação que ali foram igualmente depositados restos orgânicos, ao momento da escavação, hoje completamente desaparecidos. No interior daquela fossa foram recuperados diversos elementos de cultura material, que se traduzem numa colecção de cerâmica, peculiar pelo elevado estado de conservação dos objectos, onde diversos recipientes foram recuperados inteiros, nomeada-

mente púcaros, um mealheiro, uma bilha, pratos em faiança, testos, uma medida, entre outros.

## 3. O ESPÓLIO

O espólio associado a este contexto arqueológico trata-se do que comumente designamos de cerâmica de carácter utilitário. Cronologicamente estamos perante um contexto formado durante o final do século XVII, após 1660, muito possivelmente entre 1680 e 1720, certamente pós 1676 data que consta em grafito encontrado num dos objectos recuperados. A faiança portuguesa é um importante marcador cronológico, mas certamente não a tipologia material mais abundante.

Mais numerosa é a louça comum. Este pequeno contexto não nos parece representativo das quantidades de louça ou mesmo da variabilidade daquelas nos contextos domésticos lisboetas, no entanto, ele reflecte alguns dos objectos em cerâmica vermelha, produzida em Lisboa, na transição do século XVII para o século XVIII.

A cerâmica aqui apresentada é integralmente produzida com pastas vermelhas variando entre o vermelho de tom mais escuro (MSCC 5YR3/4) ou o vermelho vivo (MSCC 10R 5/4). As pastas são homogéneas e bem depuradas com elementos não plásticos de tamanho médio e pequeno, quartzosos e micáceos.

A louça mais frequente é, como seria expectável, aquela destinada ao uso na cozinha. A louça de ir ao lume encontra-se representada com diversas panelas e tachos (Figura 2 E-H). As panelas, apresentam forma globular e bordo aplanado superiormente, assentes em base plana com asas horizontais, uma característica que, até ao momento, não foi registada em exemplares anteriores a meados do século XVI. O diâmetro do seu bordo varia entre 0,135 m e 0,150 m. Os tachos, também com asas horizontais, oferecem forma troncocónica com base plana e bordo espessado, com um diâmetro médio de 0,258 m. Estas peças são efectivamente as formas mais frequentes em contextos domésticos de Idade Moderna, nomeadamente em Carnide, onde um contexto formado entre 1550 e 1650 oferece exactamente o mesmo *ratio* de peças de cozinha (Casimiro, Boavida e Detry, 2017). No entanto estas foram também recuperadas no Vale de Alcântara (Batalha e Cardoso, 2013), tal como em outros pontos da cidade de Lisboa, nomeadamente em caqueiro na Rua do Benfornoso

(Marques, Leitão e Botelho, 2013, 127), contextos associados aos séculos XVII e primeira metade do XVIII, anteriores ao terramoto de 1755. Tipologias cerâmicas semelhantes foram ainda identificadas em Almada (Sabrosa e Santos, 1992).

Com seis exemplares, os testos tinham como função tapar painéis e cântaros. A sua forma troncocónica com pequena pega ao centro e base plana, poder-se-á dizer, icónica, sendo muito semelhante desde o período islâmico ao século XIX. O seu diâmetro no bordo varia entre 0,106 m, o mais pequeno e 0,156 m, o maior. Este tipo de peça é associada a todos os contextos arqueológicos domésticos de época medieval e moderna e peças afins são recuperadas com frequência de norte a sul do país (Casimiro, 2011a; Casimiro, Boavida, Detry, 2017; Alves *et al.*, 1995).

O armazenamento de líquidos e sólidos era feito no interior de potes, cântaros e bilhas. Um exemplar de pote de grandes dimensões (Figura 3A), por vezes designado de atanor, com asas sobrelevadas côncavo-convexas e bordo de perfil semicircular foi decorado com cordões verticais. Estes recipientes, ainda que com forma globular e bordo largo, não apresentam marcas de fogo. Por outro lado, a decoração exterior não era frequente em objectos de levar ao lume, pelo que a sua função deveria ser claramente para armazenar. Peça semelhante foi encontrada em ambiente doméstico na baixa lisboeta (Coelho e Bugalhão, 2015, 38).

Os líquidos, sobretudo a água, seriam armazenados em cântaros e bilhas (Figura 3 B-D). Estes recipientes eram bojudos, assentes em base plana. Os cântaros tinham duas asas, por norma sobrelevadas, de secção suboval ou côncavo-convexa, bojo muito amplo e bordo com lábio de perfil semicircular, com um diâmetro de aproximadamente 0,068 m. Já as bilhas possuem apenas uma asa com secção sub-oval. O exemplar mais completo apresenta uma altura de 0,240 m com um diâmetro do bordo de 0,072 m e o fundo com 0,094 m. Peça semelhante foi encontrada nas escavações da Praça da Figueira, também atribuída ao século XVII (Silva e Guinote, 1998, 135). O consumo de água era feito sobretudo em púcaros. No presente contexto estes recipientes apresentam duas formas distintas. Os mais frequentes (Figura 4 H, I, J), com quatro exemplares completos, oferecem corpo muito globular, com uma altura aproximada de 0,090 m, sem colo, bordo com lábio de perfil semicircular, cujo diâmetro é de 0,072 m e asa sobrelevada. A outra forma disponível (Figura 4 K)

apresenta um corpo com forma sub-troncocónica e colo alto, com lábio de perfil semicircular. Apresenta uma altura de 0,080 m. Mencionar locais onde estes objectos foram encontrados é mencionar todas as escavações de época moderna efectuadas em Lisboa, no entanto, devido ao seu estado de conservação destacam-se os achados de Carnide onde dezenas destes objectos foram encontrados completos no interior dos silos (Caessa e Mota, 2016).

Surgiu uma pequena taça (Figura 4A) cuja funcionalidade directa se desconhece, mas que se trata de achado muito frequente em contextos arqueológicos de época moderna, com dezenas destes objectos identificados nas escavações dos silos em Carnide (Casimiro, Boavida, Detry, 2017, 116). No entanto, não é difícil atribuir-lhes diversas funcionalidades, sobretudo em ambiente doméstico onde pequenos objectos poderiam ter diversas utilizações. O objecto em questão tem um diâmetro de bordo de 0,102 m e um fundo com 0,050 m.

Dois pequenos pratos, cuja forma troncocónica os torna muito semelhantes aos testos, ainda que sem a pega central, foram recolhidos. O seu diâmetro no bordo é entre 0,150 m e 0,170 m e o interior das paredes encontra-se alisado e revestido com engobe de cor vermelha. Por norma são identificados na bibliografia como pratos/testo pois poderiam ter ambas funções (Marques, Leitão e Botelho, 2013).

A cerâmica de paredes finas vermelha com decoração modelada encontra-se representada através de três exemplares que optámos por designar como púcaros por acreditarmos cumprirem a função de ingestão de água (Figura 4 E-G). O exemplar mais completo apresenta corpo largo com o bordo extrovertido e duas pequenas asas. Ainda que este objecto seja comumente utilizado no consumo de água não podemos descartar outras funcionalidades, nomeadamente o consumo de alguns alimentos. São peças comumente representadas em diversa iconografia de época, nomeadamente nos quadros de Josefa de Óbidos dando-nos indicações tanto sobre a sua funcionalidade como sobre os ambientes onde eram utilizados.

As formas até aqui mencionadas encontravam-se directamente relacionadas com a preparação, consumo ou armazenamento de alimentos. No entanto, entre os diversos objectos recolhidos destacam-se quatro que não cumprem nenhuma destas funcionalidades. Dois bordos de vasos de noite ou bispotes foram recuperados, produzidos com pastas vermelhas sem

qualquer revestimento da sua superfície. O diâmetro do bordo é de 0,198 m, no mais pequeno, e de 0,240 m, no maior. Estes achados são muito frequentes em contextos domésticos a partir do século XVI e até ao século XIX, ainda que, a partir de finais do século XVII comecem a ser frequentemente substituídos por recipientes, com a mesma funcionalidade, feitos em faiança branca. Recipientes afins foram recuperados, por exemplo, em escavação no Vale de Alcântara (Batalha e Cardoso, 2013, 128). São por normas encontrados com diferentes dimensões podendo indicar que eram de utilização exclusiva ao seu proprietário. São conhecidos pequenos objectos que se pensa terem sido utilizados por crianças.

Um dos objectos mais interessantes é certamente o recipiente, completo, cujas características o definem como um objecto de medida, não apenas pela forma, mas sobretudo pela inscrição, esgrafitada após a cozedura, que apresenta junto ao bordo (Figura 3E). Apresenta forma pseudo-cilíndrica, fundo plano e bordo rectilíneo de secção quadrangular, com um diâmetro de 0,095 m. Apresenta uma única asa, de secção sub-oval, na parte inferior do corpo. A inscrição, é muito semelhante às legendas de outras medidas encontradas na cidade de Lisboa, nomeadamente em Carnide (Caessa e Mota, 2016, 104), nas escavações do Palácio dos Marqueses de Marialva (Leitão, 2006, 210), em Alcântara (Batalha e Cardoso, 2013) e em casa pré-pombalina encontrada na Rua dos Correiros (Viana, 2015). As inscrições destes objectos remetem essencialmente para o momento da sua aferição. À semelhança de todos os outros que se conhecem a inscrição contempla os meses de Ja[neir]o e Julho, no presente caso, parece-nos do ano de 1676. A sua capacidade foi avaliada em cerca de 1,5 litros pelo que corresponderia possivelmente uma canada. Outra forma muito curiosa trata-se de pequeno mealheiro com a altura de 0,105 m, assente em base plana e destacada. O seu corpo globular apresenta abertura rectangular na parte superior do objecto onde seriam depositadas as moedas. Tal como seria expectável encontra-se fragmentado na parte superior. Estes pequenos objectos são frequentes a partir do século XVI e frequentemente encontrados em contextos domésticos. Exemplar semelhante foi identificado nas escavações de Carnide (Caessa e Mota, 2016, 104), mas igualmente na carga do Ria de Aveiro A (Alves *et al*, 1995).

Apenas um fragmento de cerâmica vidrada foi identificado. Parece corresponder ao bordo de um jarro

com bico, semelhante a outros encontrados na presente escavação em contextos de cronologia semelhante. No entanto, a ausência de asa e bico pode indicar tratar-se apenas de um pote, ainda que com uma forma pouco comum. O bordo é extrovertido com lábio de secção semicircular e mede 0,102 m de diâmetro. O vidrado, plumbífero, de cor verde, é aderente e de excelente qualidade.

Foram recolhidos onze objectos em faiança portuguesa, nomeadamente um covilhete, uma tampa, quatro taças, quatro pratos e um candelabro.

As peças são o que se pode designar de recorrentes, sem qualquer tipo de novidade morfológica ou decorativa. As pastas, bem depuradas e homogéneas, e os vidrados aderentes, correspondem a produções de Lisboa, semelhantes ao que tem sido encontrado em contextos arqueológicos com cronologias afins, sobretudo na cidade de Lisboa ou centros urbanos circundantes (Torres, 2011; Casimiro, 2011a; Casimiro e Sequeira, 2016; Almeida, 2012; Casimiro, Barros e Gonçalves, 2016; Mendes e Pimenta, 2007).

O covilhete identificado (Figura 5A) trata-se de peça com 0,178 m de diâmetro no bordo e 0,128 m de diâmetro no fundo assente em pé anelar muito baixo. A peça em questão encontra-se decorada em azul e manganês com o que normalmente se designa de rendas. A designação desta decoração é ainda hoje discutível na medida em que ainda subsiste a dúvida se foi inspirada nas rendas em tecido, que se desenvolveram no século XVII, ou nas penas de pavão que, desde meados do século XV, decoravam a cerâmica italiana (Monteiro, 2007). Tanto formal como decorativamente esta peça não foi certamente produzida antes de 1660. De facto a decoração de rendas só se começa a registar a partir desta data, tendo um momento de maior incidência entre 1680 e 1710 (Casimiro, 2013, 365).

A decoração mais recorrente, presente em três pratos e duas taças, de diferentes dimensões, são os semicírculos concêntricos (Figura 5B, C). Esta decoração surge timidamente por volta de meados do século XVII, presente em pratos e taças, desenhada com linhas finas. A partir de 1660, sensivelmente, este tipo de decoração generaliza-se tornando-se o traço mais descuidado e largo, mantendo-se, pelo menos, até 1720. É igualmente o momento em que o consumo deste tipo decorativo se generaliza e estas peças começam a aparecer em grande quantidade não apenas em Lisboa (Batalha *et al*, 2016), mas por todo o país e suas colónias, tais como Brasil, Cabo

Verde, Angola e mesmo Macau (Gomes, 2016; Sorensen, Evan e Casimiro, 2013; Gomes, Casimiro e Gomes, 2016). Estas peças são igualmente exportadas para os parceiros comerciais com achados na Terra Nova, por exemplo. Este tipo de decoração, ainda que generalizada, é aplicada sobretudo em taças e pratos, sendo raras as outras formas que a apresentam. Os pratos recolhidos neste pequeno contexto da Rua do Arsenal apresentam a característica forma sub-truncocónica, com um diâmetro no bordo que oscila entre os 0,180 m e os 0,220 m. As duas taças que serviram de tela a esta decoração são formalmente muito distintas. Uma trata-se de peça de pequenas dimensões, hemisférica, com um diâmetro do fundo de 0,052 m, sem evidências de bordo. A outra taça, de maiores dimensões, onde o diâmetro do bordo é de 0,198 m e o do fundo de 0,109 m, assente em pé anelar, apresenta forma truncocónica e bordo extrovertido de perfil semicircular.

Uma taça, com forma hemisférica, assente em pé anelar, com 0,112 m de diâmetro no bordo e 0,058 m de diâmetro no fundo, igualmente assente em pé anelar, apresenta o interior do fundo decorado com a Espada-Cruz da Ordem de Santiago, já muito estilizada (Figura 5F). Esta é igualmente uma das decorações mais frequentes na produção de faiança na época aqui analisada. Peças afins foram sobejamente recuperadas em Lisboa, tanto em contextos de produção como de consumo de finais do século XVII, mas igualmente em contextos ultramarinos tais como Cabo Verde (Gomes, Casimiro e Gonçalves, 2012).

Uma outra taça, de pequenas dimensões, com forma truncocónica apresenta no interior do fundo pequeno elemento vegetalista, muito estilizado, uma produção característica de Lisboa com a sua identificação sobretudo nos contextos arqueológicos da primeira metade do século XVIII (Figura 5E). Este tipo de peças é muito recorrente nos contextos conotados com o Terramoto de 1755, sobretudo na cidade de Lisboa (Casimiro, 2011a).

Duas peças menos habituais foram encontradas neste contexto. Uma delas trata-se de pequena tampa com um diâmetro de 0,067 m cuja funcionalidade seria a de fechar ou pequeno recipiente tipo pote ou uma garrafa cujo diâmetro do bordo não poderia ser superior a 4 centímetros (Figura 5D). Encontra-se decorada nas cores azul e manganês com o desenho de seis elementos vegetalistas na parte superior que podem ser reconhecidos como três flores e três folhas de pequenas dimensões. Pequenas tampas em

faiança são achados comuns, por norma difíceis de associar a um recipiente específico. Uma tampa com dimensões semelhantes foi recuperada nas escavações arqueológicas de Castle Street em Plymouth, ainda que outras sejam recuperadas com frequência em Lisboa e arredores (Casimiro, 2011, 85; Amaral e Miranda, 2002; Casimiro e Sequeira, 2016)

Entre os onze objectos recuperados apenas um deles não apresenta qualquer decoração. Trata-se de candelabro de pé alto onde a vela seria colocada na parte superior (Figura 5G). Estas peças não são vulgarmente identificadas nos contextos arqueológicos e até ao momento apenas uma peça semelhante foi recuperada em Lisboa, ainda que de um contexto muito mais antigo, datável de finais do século XVI, no Aljube (Clementino, *et al.* 2016, 71).

#### 4. DISCUSSÃO

O contexto aqui abordado foi formado nos finais do século XVII ou inícios do século XVIII, acreditamos que algures entre 1680 e 1720. Esta datação foi atribuída com base na análise morfológica das peças cerâmicas, aliada à sua decoração. A faiança ali encontrada corresponde a produções normalmente datadas após 1660. No entanto o *terminus post quem* é dado pela medida onde se pode ler a data [1]676 em grafito junto ao bordo. Desconhecemos quanto tempo poderia ter esta medida de capacidade ter sido utilizada antes do seu descarte, no entanto é provável que o tenha sido durante alguns anos, visto que aquelas seriam partidas quando já não cumprissem a sua funcionalidade (Viana, 2015, 58).

Todos os objectos identificados correspondem a produções de Lisboa, ilação retirada através da análise macroscópica das pastas, tanto da cerâmica vermelha como da faiança, mas igualmente das formas que se traduzem nas tipologias que sabemos serem produzidas na cidade nesta época.

Este contexto, curiosamente, não continha nenhuma importação, algo raro nos contextos modernos lisboetas. Esta ausência remete-nos para o facto de se tratar de um contexto doméstico, cujos objectos se relacionam directamente com o quotidiano, a maior parte relacionados com a preparação e consumo de alimentos. A confecção dos alimentos era feita no interior das panelas e tachos. A abundância destes objectos é sempre superior aos demais recipientes, evidência já confirmada arqueologicamente, mas também documentalmente, através na aná-

lise de diversos livros de cozinha. A preparação de alimentos era feita sobretudo em panelas e tachos, mas também em frigideiras ou *tigelas de fogo*, ainda que nenhuma tenha sido aqui recuperada (Casimiro, Boavida e Detry, 2017).

Grande parte dos objectos correspondia ao que podemos designar de louça de servir, com diversos pratos e taças, com diferentes formas e tamanhos. A funcionalidade destes objectos encontra-se atestada não apenas através da documentação onde a comida vai à mesa sobretudo em pratos e taças, mas também através de diversas representações iconográficas, desde os já muito conhecidos primitivos portugueses onde as peças cerâmicas são apresentadas nas suas funcionalidades, como através das naturezas mortas de Josefa d'Óbidos. O consumo de alimentos em recipientes de louça vermelha era feito em pratos e taças, aqui representados com três objectos. A maior parte dos recipientes que cumpriam esta funcionalidade eram efectivamente em faiança decorada. A decoração aqui representada, nomeadamente as rendas e semicírculos concêntricos corresponde ao que seria mais comum nesta época. Os habitantes de Lisboa teriam à mesa louça azul, branca e violeta, decorada com diferentes motivos.

A presença de apenas um fragmento de louça revestida a vidro de chumbo, correspondendo ao bordo de um jarro, não é de todo estranha. Quando comparada com a quantidade de louça não vidrada ou faiança nos contextos arqueológicos, os vidrados plumbíferos são sempre em menor número.

A presença de louça modelada nos contextos arqueológicos carece ainda de muita investigação. Ainda que a sua presença e publicação seja frequente, desconhecemos se aquela se encontrava relacionada com casas mais abastadas. A sua publicação encontra-se sobretudo associada a contextos tais como palácios e conventos (Gomes et al, 2013) e, na verdade, menos frequente em contextos domésticos mais modestos (Casimiro, 2011a). Poderá isto indicar que estamos perante uma produção de elevado valor?

Os poucos objectos não relacionados com a preparação, armazenamento ou serviço de bens alimentares eram uma presença constante em ambientes domésticos, pelo que a sua presença não é, de todo, estranha. Os vasos de noite eram objectos recorrentes nos ambientes domésticos e, mesmo pensando que seriam essencialmente utilizados nos quartos não nos podemos esquecer que os mesmos seriam despejados nas áreas de serviço. Por outro lado, as

reduzidas dimensões do mealheiro fazem-nos acreditar que o mesmo poderia ser transportado facilmente num bolso ou mala e não se encontraria estacionado. A sua presença também não nos parece despropositada no contexto aqui apresentado.

Como mencionado, um dos objectos mais interessante trata-se da medida sobretudo pelo facto de ser um marcador cronológico fundamental. No entanto a pergunta impõe-se. Porquê uma medida de capacidade, devidamente aferida, num ambiente doméstico? A recuperação destes objectos deveria estar relacionada exclusivamente com ambientes comerciais, nomeadamente lojas. No entanto, a maior parte dos objectos que se conhece com estas características foram recuperados em contextos de lixo produzidos em casas, nomeadamente a medida encontrada na Rua dos Correiros, no Vale de Alcântara ou mesmo Carnide, esta última datada de 1622. Será que podiam ser estes recipientes utilizados nas cozinhas como se de um copo medidor se tratasse? Quando analisamos os livros de cozinha dos séculos XVII e XVIII não é rara a menção a medidas padronizadas utilizadas na elaboração de receitas. Poderiam estes recipientes ter uma funcionalidade para além da comercial?

## 5. CONCLUSÃO

O contexto 543 escavado no número 148 da Rua do Arsenal é essencialmente um contexto de formação doméstica. Algures durante o tempo de vida das Casas Nobre do Infantado houve possivelmente a necessidade de preencher um buraco no chão e recorreu-se, para isso, a lixo doméstico. Pouco se pode afirmar acerca das razões que levaram à formação daquele pequeno contexto, no entanto, podemos certificar com certeza que a sua formação ocorreu antes do Terramoto de 1755.

Este pequeno conjunto de materiais está longe de reflectir toda a riqueza material que uma casa nobre possuía. Para o presente caso essa encontra-se atestada em outros contextos que serão em breve publicados. Aqui podemos apenas observar um pequeno conjunto que foi utilizado nas actividades mais elementares de qualquer ambiente doméstico de época moderna o que se traduz essencialmente na preparação e consumo de alimentos.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Mariana (2012) – *Convento de Jesus (Setúbal) Arqueologia e História: Faiança decorada*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (texto policopiado, não publicado).
- ALVES, Francisco; RODRIGUES, Paulo; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1995) – A Cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona da Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar in *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 185-210.
- AMARAL, Maria; MIRANDA, Tiago (coord.) (2002) – *De Olisipo a Lisboa: A Casa dos Bicos (catálogo da exposição da Casa dos Bicos*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- AMARO, Clementino; FILIPE, Vanessa; HENRIQUES, José Pedro; MANSO, Cláudia (2016) – Faiança quinhentista recuperada num compartimento da antiga prisão do Aljube, Lisboa, in GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; GOMES, Mário Varela (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 67-78.
- BARREIRA, Paulo; DÓRDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1995) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do século XVIII in *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 145-184.
- BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel (2016) – Portuguese faience found at 10 Buenos Aires Street Pits – Lisbon (17<sup>th</sup>-18<sup>th</sup> centuries) in GOMES, Rosa Varela.; CASIMIRO, Tânia Manuel; GOMES, Mário Varela (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 27-38.
- BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme (2013) – Poço seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa, in *Emerita – Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, número 1, pp. 113-140.
- CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2016) – A Arqueologia em Carnide e a intervenção arqueológica no Largo do Coreto. *Rossio – Estudos de Lisboa*, 6. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 96-107. Disponível em [https://issuu.com/camara\\_municipal\\_lisboa/docs/revista\\_de\\_estudos\\_olisiponense\\_ro](https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/revista_de_estudos_olisiponense_ro) (consultado em Junho 2017).
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVIII e XIX encontradas em Cascais in *Arqueologia Medieval*, 6. Porto, pp. 193-212.
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2011) – *Portuguese Faience in England and Ireland*, British Archaeological Reports. Oxford: Archaeopress.
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2011a) – Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa in *O Arqueólogo Português*, série 5, volume 1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 689-726.
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2013) – Faiança Portuguesa: datação e evolução crono-estilística, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, número 14, Lisboa: Direcção Geral Património Cultural, pp. 355-373.
- CASIMIRO, Tânia Manuel; BARROS, Luís; GONÇALVES, Joana (2014) – Faiança Portuguesa em Almada (séculos XVI-XVIII), in *Anais de Almada*, número 17, Almada: Câmara Municipal de Almada pp. 195-208.
- CASIMIRO, Tânia Manuel; BOAVIDA, Carlos; DETRY, Cleia (2017) – Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650) in MARTINEZ, João Carlos Senna; MARTINS, Ana; MELO, Ana; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel (eds.) *Diz-me o que comes... alimentação antes e depois da cidade*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 110-121.
- CASIMIRO, Tânia Manuel; SEQUEIRA, João Luís (2016) – Faiança Portuguesa dos séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo), in *Cira Arqueologia*, número 6, Vila Franca de Xira: Museu Municipal Vila Franca de Xira, pp. 260-273.
- COELHO, Inês Pinto.; BUGALHÃO, Jacinta (2015) – Cerâmica in BUGALHÃO, Jacinta (coord.) *Uma casa pré-pombalina na baixa lisboeta. Núcleo arqueológico da Rua dos Correiros*, Lisboa: Centro de História de Além-Mar FCSH / UNL e UAç, pp. 31-54.
- DIOGO, António Dias.; TRINDADE, Laura (1995) – Duas novas intervenções arqueológicas em Lisboa (Rua da Madalena e Rua do Ouro). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 2. Lisboa, pp. 63-75.
- DIOGO, António Dias; TRINDADE, Laura (1995a) – Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo terramoto de 1755 in *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 163-170.
- DIOGO, António Dias; TRINDADE, Laura (1995b) – Intervenção arqueológica na Rua João do Outeiro, nº 36-44, na Mouraria, em Lisboa in *Actas das 2as Jornadas de Cerâmicas Medievais e Pós-Medievais, métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 257-266.
- DIOGO, António Dias; TRINDADE, Laura (1998) – Cerâmicas da época do terramoto de 1755 provenientes de Lisboa in *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmicas Medievais e Pós-Medievais, métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 349-354.

- GOMES, João Pedro (2016) – Portuguese faience in Praça da Sé – Salvador da Bahia (from late 16<sup>th</sup> to Early 18<sup>th</sup> century) in GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; GOMES, Mário Varela (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 315-322.
- GOMES, Mário Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; GONÇALVES, Joana (2012) – *Espólio do Naufrágio da Ponta do Leme Velho (Ilha do Sal, Cabo Verde). Contributo para a Arqueologia da Expansão*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências.
- GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; GOMES, Mário Varela (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> centuries)*, Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; ALMEIDA, Mariana; BOAVIDA, Carlos; NEVES, Dário; HAMILTON, Kirsten; SANTOS, Carolina (2013) – Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7, in Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1057-1065.
- LEITÃO, Vasco (2006) – Copa e área de Serviço do Palácio dos Marques de Marialva, in Património Estudos, número 9, Lisboa, pp. 207-2012.
- MARQUES, António; LEITÃO, Eva; BOTELHO, Paulo (2013) – Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria-Intendente, in TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 1 (ArqueoArte 1). Lisboa: Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAç, pp. 123-134.
- MONTEIRO, Paula (2007) – Rendas de cobalto, motivo decorativo na faiança do século XVII, *Revista de Artes Decorativas*, nº 1, Porto: Citar, pp. 183-192.
- MENDES, Henrique; PIMENTA, João (2007) – *Contexto quinhentista das escavações do Museu do Neo-realismo*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal Vila Franca de Xira.
- SABROSA, Armando; SANTO, Paulo Espírito (1992) – Almada Medieval/Moderna – um projecto de investigação. *Almadan*. Almada. 2.<sup>a</sup> série. n.º 1, pp. 5-12.
- SILVA, Rodrigo; GUINOTE, Paulo (1998) – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos – Roteiro Arqueológico e Documental dos Espaços e Objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SILVA, Ricardo Costeira (2015) – *O Museu Nacional Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Coimbra (texto policopiado, não publicado).
- SORENSEN, Marie Louise, EVANS, Chris and CASIMIRO, Tânia Manuel (2013) – Pottery in Cidade Velha – Cabo Verde, in TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 1 (ArqueoArte 1). Lisboa: Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAç, pp. 813-820.
- TORRES, Joana (2011) – *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise de cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, FCSH-UNL, Lisboa (texto policopiado, não publicado).
- TRINDADE, Laura; DIOGO, António Dias (1997) – Intervenção arqueológica na Travessa da Madalena, nº 18 (Lisboa). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 2. Lisboa: pp. 67-80.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, António Dias (2003) – Cerâmicas de barro vermelho de entulhos do terramoto de 1755 provenientes da sondagem 14 da Rua dos Correeiros, em Lisboa in *Actas das 3<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 285-293.
- VIANA, Mário (2015) – Dois recipientes de medida para líquidos de cerâmica in BUGALHÃO, Jacinta (coord.) *Uma casa pré-pombalina na baixa lisboeta. Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*, Lisboa: Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAç, pp. 31-54.



Figura 1 – Compartimento 4 e algumas peças no momento da escavação.

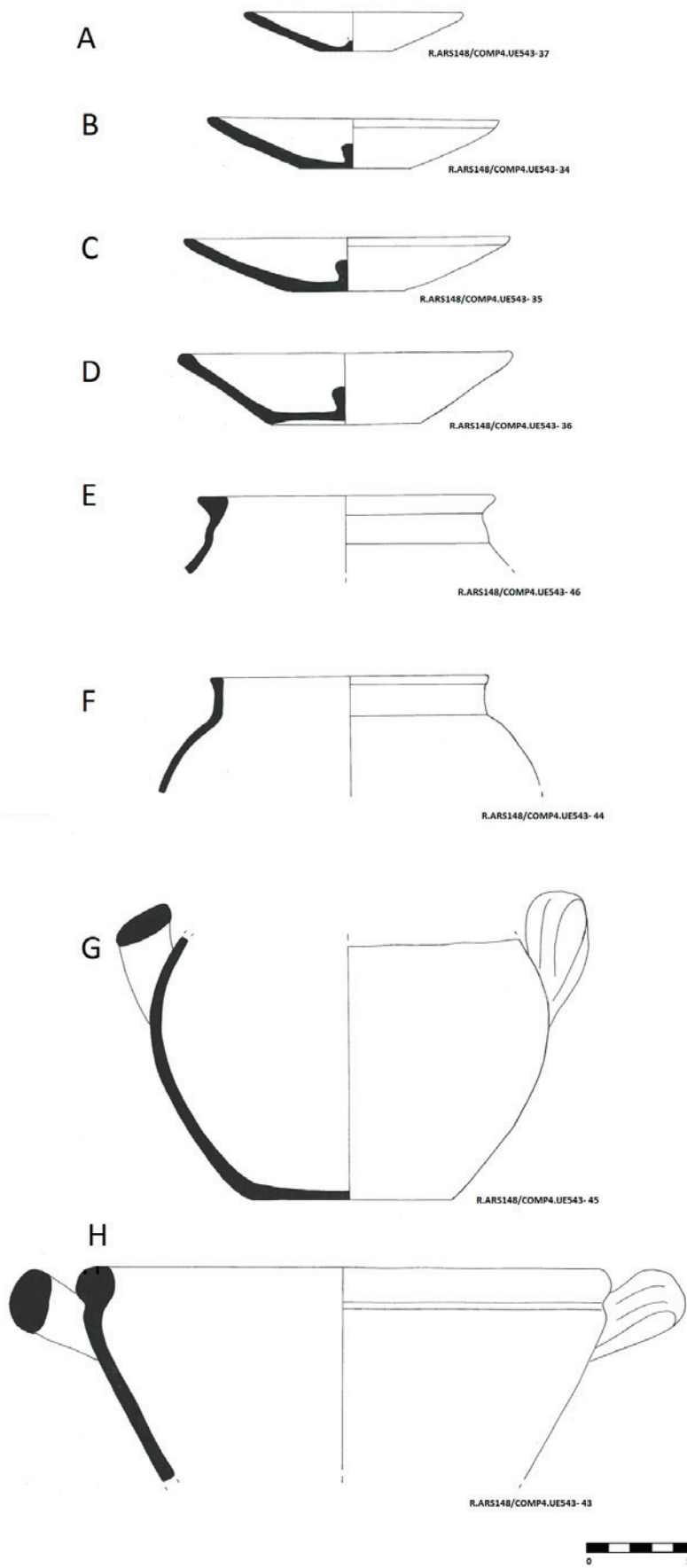


Figura 2 – Louça de cozinha

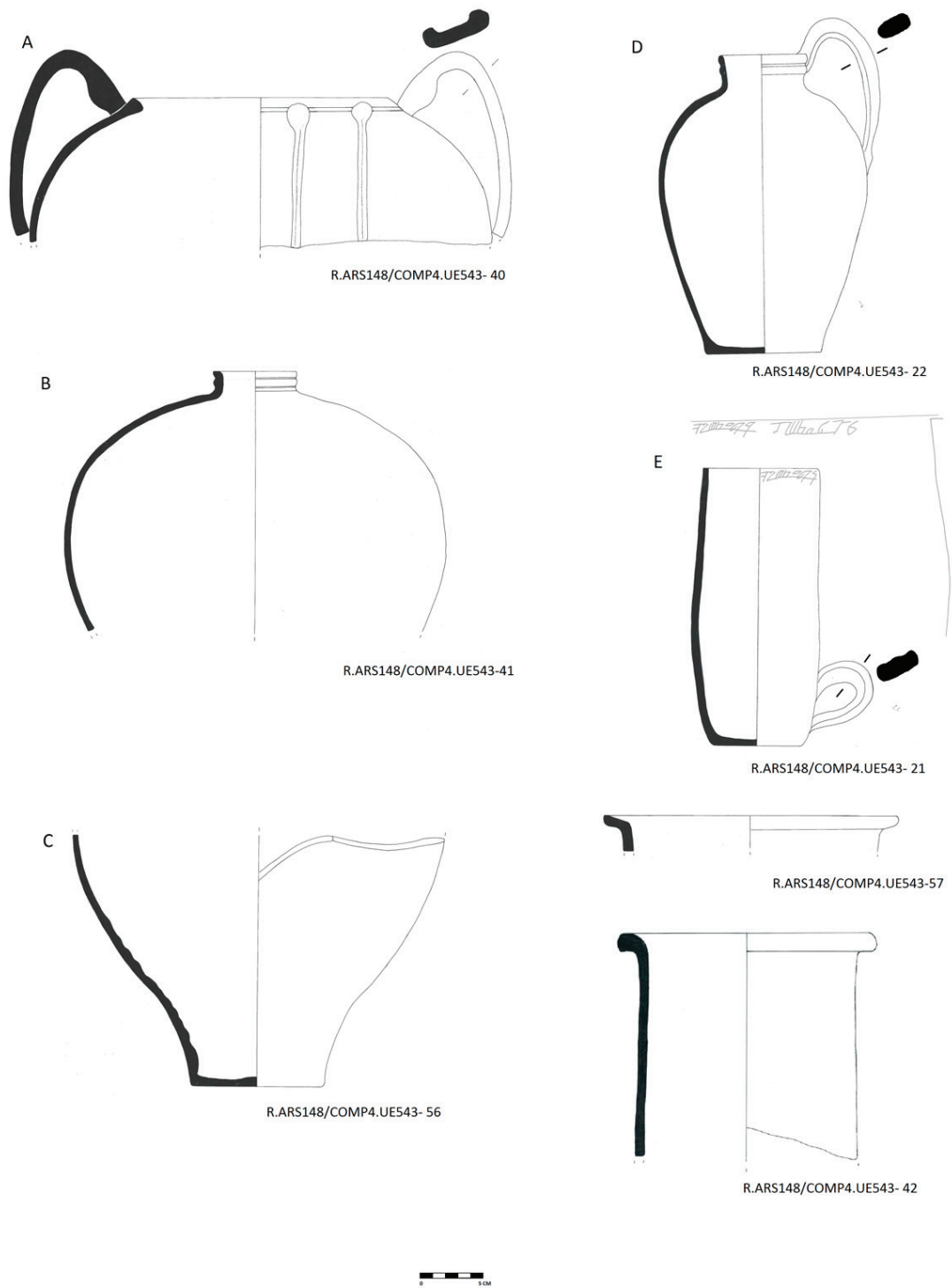


Figura 3 – Louça de armazenamento.

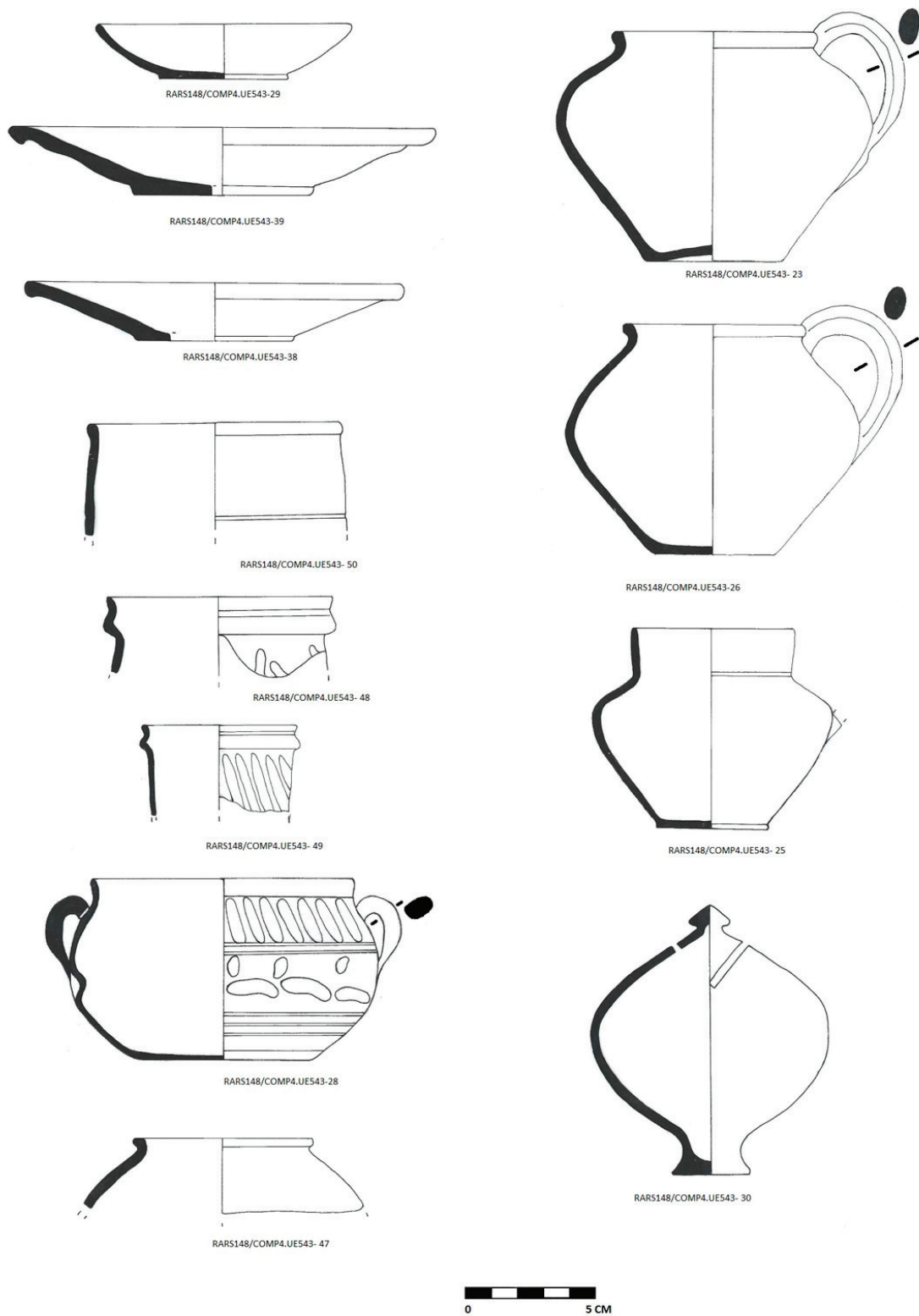


Figura 4 – Taças e púcaros.

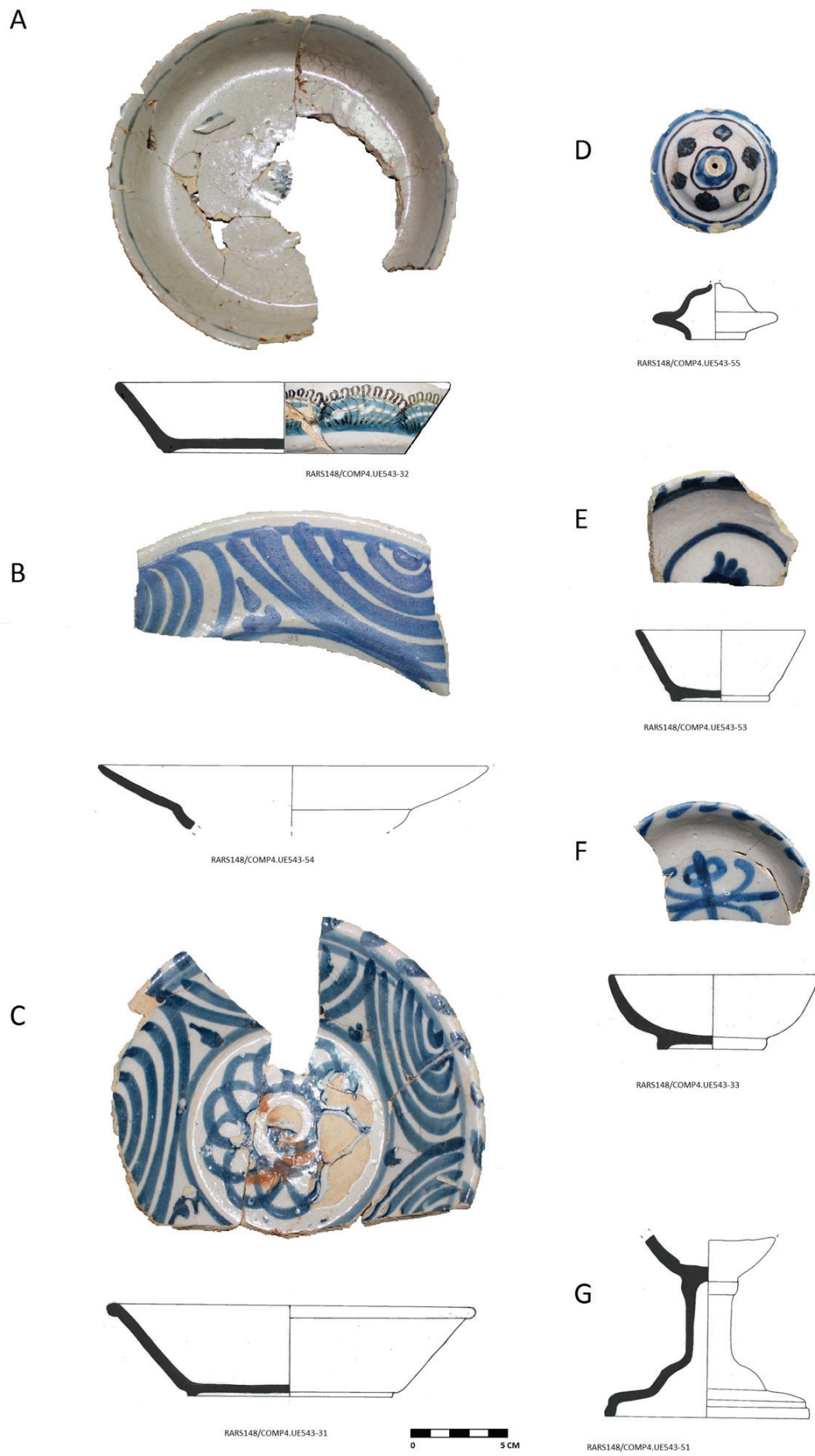
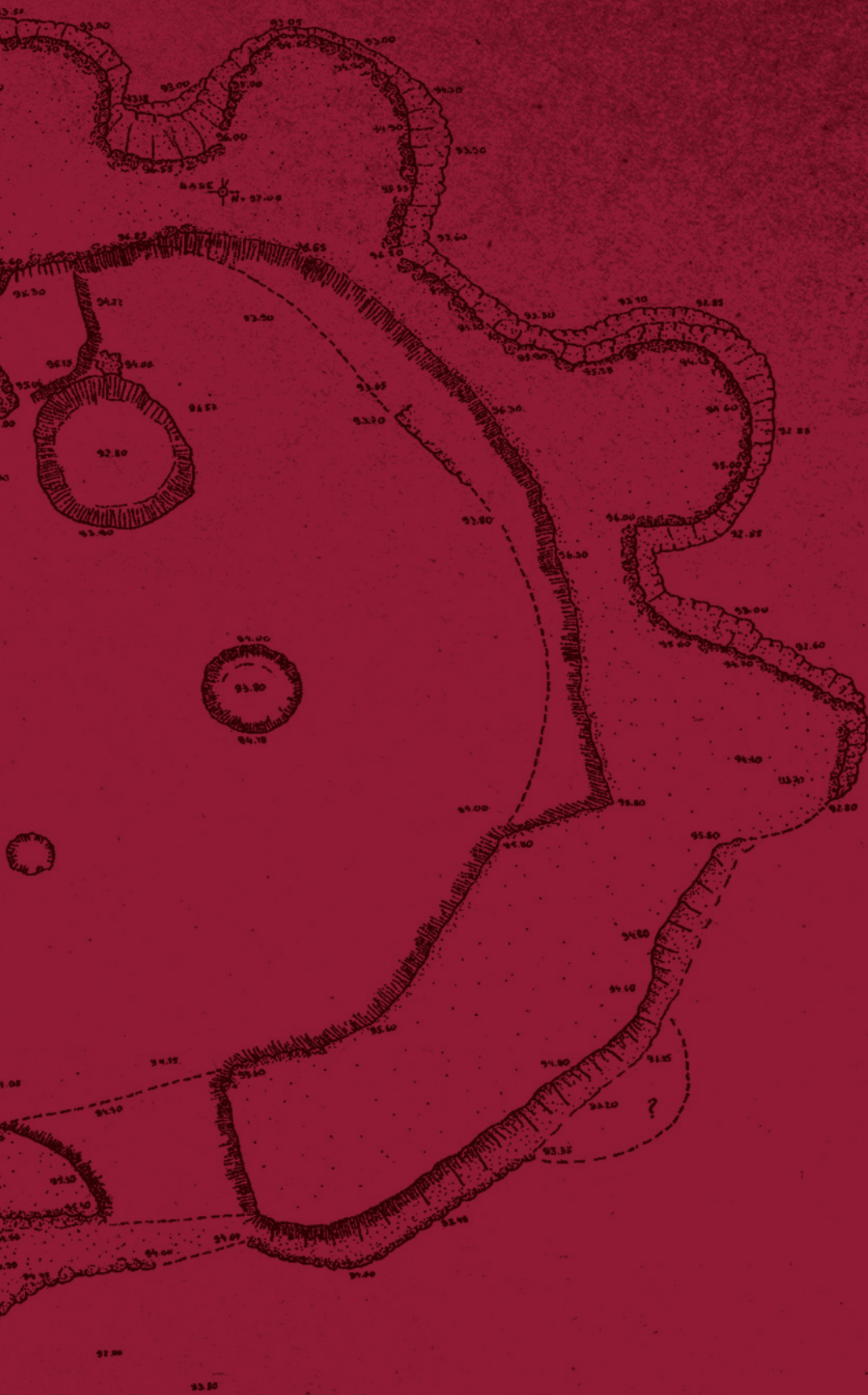


Figura 5 – Objectos em faiança.

		Completo	Bordos	Fundos	Asas	Bojos
CC	Panelas		2	12	6	50
CC	Tachos		1	6	1	35
CC	Testos	4		2		
CC	Cântaros		1	5	1	50
CC	Bilha	1				
CC	Prato	2				
CC	Taça	2				
CC	Púcaros	5	5	7		19
CC	Medida	1				
CC	Mealheiro	1				
CC	Vaso de noite		2			
CV	Pote		1			
FP	Taça	3				
FP	<u>Covilhete</u>	1				
FP	Prato		1	1		2
FP	Tampa	1				
FP	Candelabro	1				

Tabela 1 – Número de fragmentos.





Patrocinador oficial